

**ROMANCE E HISTÓRIA:
SARAMAGO (RE)INVENTA PESSOA¹**

*Gerson Luiz Roani**

RESUMO

Este artigo investiga o diálogo entre a história e a literatura no romance "O ano da morte de Ricardo Reis" de José Saramago. A narrativa ficcional faz da história motivo de representação e, também, tema de reescrita. O romance apresenta uma nova concepção do romance de cunho historiográfico.

Palavras-chave: Literatura, história, romance histórico, José Saramago.

ABSTRACT

This work is a dialogue between history and literature in "O ano da morte de Ricardo Reis", a novel by José Saramago. The fictional narrative makes of History the very reason of representation and theme of rewriting. The novel proposes, then, a new concept of historical novel.

Keywords: Literature, history, historical novel, José Saramago.

É notável a efervescência criadora da literatura portuguesa atual. Poucas literaturas do nosso tempo podem se orgulhar de tamanha fecundidade, sintomatizada pelo aparecimento, no cenário literário lusitano, de novos nomes artísticos, além da continuidade dos projetos ficcionais desenvolvidos pelos ficcionistas pertencentes às gerações anteriores à Revolução dos Cravos de 1974. Sob o crivo dos cravos, um novo tempo ficcional foi inaugurado no romance

¹ Trabalho apresentado no III Seminário Internacional de História da Literatura, ocorrido na PUCRS, de 5 a 7 de outubro de 1999.

* Professor de Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), mestre em Literatura Comparada pela UFRGS.

português, revelando realizações ficcionais que haviam sido impedidas de vir à luz pelos mecanismos da censura ditatorial portuguesa. Durante quase cinquenta anos, o totalitarismo do regime salazarista expandiu seus tentáculos opressivos sobre todos os setores da vida portuguesa. A ficção recusou o peso desses limites e interdições. O discurso romanesco era a metáfora desse tempo de trevas vivido por todos aqueles que estavam envolvidos com a atividade literária: autores, leitores, críticos literários, teóricos da literatura e editores.

O vermelho dos cravos de abril instaurou o desafio. Qualquer que fosse o caminho trilhado pela Revolução, haveria um antes e um depois de abril. Para os escritores antigos e novos, a situação inaugurada pela liberdade exigia a continuidade. Acerca desse novo tempo ficcional, o agudo diagnóstico feito por Eduardo Lourenço expressa:

A importância do momento revolucionário, após o vazio imaginante natural dos começos, foi a de descobrir diante de todos – velhos ou novos autores, um espaço aberto, um horizonte efetivamente aberto, com a sua angústia necessária, com o seu desafio em termos não codificados como os do jogo conhecido da antiga atmosfera (Lourenço, 1994, p. 299).

A Revolução estabelece a necessidade de “falar”, em oposição ao silêncio castrador do tempo ditatorial. As produções escriturais realizam, num primeiro momento, um processo de redescoberta, de autoconhecimento coletivo, lançando as bases para a revolução escritural portuguesa das décadas de oitenta e noventa. Segundo Maria Alzira Seixo, trata-se de uma produtividade identificada como uma “euforia da escrita”: “Adquire um peso teórico-prático impressionante a noção de “escrita”, e como “textos” (encarados enquanto urdiduras de escrita) se consideram a maior parte das obras que então vem à lume” (Seixo, 1984, p. 30-42).

Com base nisso, é inevitável não pensarmos a recente literatura portuguesa como uma espécie de “texto infinito”, entretecendo a tradição literária portuguesa do passado com a urgência e o dinamismo do espírito contemporâneo. Essa imagem lembra a lição de Roland Barthes sobre as manifestações literárias e, particularmente, aquele efeito almejado pelo texto ficcional ao lançar fios enredadores sobre o leitor: o sujeito se desfaz no texto, graças à sedução veiculada pela escritura (Barthes, 1996, p. 83).

Assim, não é difícil perceber que grande parte da sedução causada pelos textos portugueses contemporâneos provém do envolvimento, nem sempre fácil, do leitor com uma enorme gama de realizações textuais. Essas construções ficcionais integram vários níveis de fabulação textual, fundem gêneros como a

prosa e a poesia, multiplicam temas e situações, problematizam ficcionalmente a temporalidade e investem no discurso fantástico e insólito, próximo das realizações ficcionais da literatura latino-americana. Nessa direção, algumas tendências recorrentes na ficção lusitana da atualidade devem ser apontadas.

Uma das tendências expressivas da nova ficção portuguesa se identifica com os autores conhecidos como a “geração da guerra colonial”, os quais resgatam, nas malhas das suas ficções, a sangrenta guerra colonial mantida por Portugal, na África, de 1961 até 1975, quando as antigas colônias conquistam a independência definitiva e o imperialismo português chega ao fim. Destaca-se, ainda, a escritura feminina, exorcizadora do universo português masculino que condenou as mulheres à dor, à exclusão, ao espoliamento e à desigualdade.

Simultaneamente a essas produções, descortina-se o horizonte criativo trilhado por escritores que se apropriam da História, seja ela presente ou passada, transformando-a em elemento estruturante dos seus textos ficcionais. Como caso exemplar dessa tendência do romance português das últimas duas décadas, concentrar-me-ei, com mais atenção, na obra de José Saramago, através de algumas considerações sobre um dos seus romances mais desconcertantes: *O ano da morte de Ricardo Reis*.

Esse romance seduz o leitor, envolvendo-o nas artimanhas e urdiduras do texto, tornando-o participante do processo de ficcionalização da história portuguesa pela narrativa, transformando-o em cúmplice de um exercício irônico que infringe as formas e os valores tradicionais, tanto no âmbito da história, quanto no da ficção.

A história passa a ser escrita como uma “espécie de pressentimento”, num diálogo incessante com a tradição, mas, sobretudo, na problematização do peso, frequentemente opressor, desse mesmo legado (Saramago, 1990, p. 17-20). Ora, isso confere uma dimensão nova às relações entre a realidade e a ficção, pois o passado torna-se uma “citation à l’ordre du jour”. Dessa forma, as séries literária e histórica são revisitadas, mediante um ponto de vista comprometido com o tempo presente. A presença da história nas obras de Saramago nunca está desacompanhada de uma historicidade efetiva, pois é a medida do tempo passado, transmutado em um tempo saturado de “agoras”, para lembrarmos a bela lição benjaminiana exposta nas teses sobre a historiografia (Benjamin, 1994, p. 223).

Como leitor-cúmplice desse romance, tendo-me à voz de um narrador colocada a serviço de um saber imemorial, que não renuncia ao alargamento do presente e a uma solicitação de diálogo efetivo com o leitor contemporâneo. Saramago parte do pressuposto de que o romance é um artefato inconcluso, cumprindo o seu destino como um *palimpsesto*, no qual são combinadas

dialogicamente outras obras, leituras e afinidades eletivas. Essa consciência do fazer literário alimenta o processo da escritura, apontando a provisoriedade do discurso, a instigante tessitura de vozes discursivas e a subversão da literatura e da história sob uma ótica renovadora.

Tais questões confluem em *O ano da morte de Ricardo Reis*. Nessa obra, Saramago dá continuidade à biografia de Ricardo Reis, heterônimo pessoano, depois da morte de seu criador, Fernando Pessoa, no ano de 1935. Saramago o faz retornar a Portugal, onde chega um mês após a morte de Pessoa. Nesse retorno da personagem, a voz do narrador vislumbra a possibilidade de confrontar Portugal com os seus próprios limites territoriais, realizando aquela psicanálise mítica, mencionada por Eduardo Lourenço, através da qual Portugal deve promover o regresso a si mesmo (Lourenço, 1989, p. 23-67).

O tempo escolhido para a realização desse processo é o tumultuado ano de 1936, marcado pela consolidação da ditadura de Salazar e por uma Europa prestes a mergulhar nos acontecimentos deflagradores da Segunda Guerra Mundial. O novo gesto criador de Saramago continua a garantir para Ricardo Reis sua condição de máscara viva (Silva, 1989, p.103-190).

Os limites entre o real e o ficcional são ultrapassados, porque estamos diante de um romancista para o qual a função primordial da literatura não é o reflexo especular, a mímese: “Na minha opinião, a representação nunca deve ser natural, o que passa num palco é teatro, não é a vida, a vida não é representável, até o que parece ser o mais fiel reflexo, o espelho, torna o direito esquerdo e o esquerdo direito” (Saramago, 1997, p.126).

Que romance é esse que abre com a frase: “Aqui o mar acaba e a terra principia” e termina com a sentença: “Aqui onde o mar se acabou e a terra espera” (p.11 e 415)? A presença de tais frases, respectivamente, na abertura e no desenlace do romance, caracterizam uma atmosfera ficcional labiríntica. Essas duas frases resgatam o canto terceiro de *Os Lusíadas* de Luís de Camões, subvertendo os famosos versos camonianos: “Eis aqui, quase cume da cabeça/ De Europa toda, o Reino Lusitano, / Onde a terra se acaba e o mar começa” (Camões, 1993, p.97). Nesse sentido, a infração dos versos camonianos pelo romance saramaguiano contraria a expansão marítima lusitana e a glorificação de um destino nacional assinalado pela consciência dos feitos náuticos passados de grandeza e de eleição divina.

O ano da morte de Ricardo Reis instaura uma questão basililar da narrativa portuguesa contemporânea: a busca de uma nova identidade para um país preso a mitos e a sonhos grandiosos, que a literatura instituiu, ajudou a cristalizar e disseminou pelos séculos seguintes.

O leitor é empurrado para uma espécie de baile de máscaras em que a

sátira, o humor e a mordaz ironia do narrador interagem com a heteronomia pessoana, a vivência da política autoritária do regime salazarista, a miséria do povo português e o sepultamento definitivo de um império colonial que, no limiar do século XX, não passava de uma quimera. A história é um labirinto e Ricardo Reis já havia notado sobre isso que “um homem não vai menos perdido por caminhar em linha reta” (Saramago, 1997, p. 92).

A ficção de Saramago empreende uma leitura crítica do passado português e aponta para um futuro lusitano que, ainda, está por delinear-se. Nas três primeiras décadas do século XX, Portugal devora os filhos, através da repressão ditatorial, da manipulação da imprensa, da vigilância estrita a todos os segmentos da vida portuguesa, do discurso populista sobre um país pobre e decadente, mas cantado pela propaganda fascista como uma *Disneylândia* à beira-mar plantada:

A nós o que nos vale, meu caro doutor Reis, neste cantinho da Europa, é termos um homem de alto pensamento e firme autoridade à frente do governo e do país, estas palavras disse-as o doutor Sampaio, e continuou logo, Não há comparação possível entre o Portugal que deixou ao partir para o Rio de Janeiro e o Portugal que veio encontrar agora, [...] se tem andado por aí, a olhar com olhos de ver, é impossível que não se tenha apercebido das grandes transformações, o aumento da riqueza nacional, a disciplina, a doutrina coerente e patriótica, o respeito das outras nações pela pátria lusitana, sua gesta, sua secular história e seu império, [...] é preciso ver com os próprios olhos, as estradas, os portos, as escolas, as obras públicas em geral, e a disciplina, meu caro doutor, o sossego das ruas e dos espíritos, uma nação inteira entregue ao trabalho sob a chefia de um grande estadista, verdadeiramente uma mão de ferro calçada com uma luva de veludo, que era o que andávamos a precisar. (Saramago, 1997, p.137)

A desconstrução desse discurso oficial triunfalista é operacionalizada pelo narrador nos seguintes termos:

O senhor doutor já teve ocasião de ver que espécie de gente é o povo deste país, e mais estamos na capital do império, quando no outro dia passou à porta do Século, aquela multidão à espera do bодо, e se quiser ver mais e melhor vá por esses bairros, por essas paróquias e freguesias, veja

com os seus olhos a distribuição da sopa, a campanha de auxílio aos pobres no inverno, iniciativa de tão singular beleza, como escreveu no telegrama o presidente da câmara do Porto, de boa lembrança, e diga-me se não valia mais deixá-los morrer, poupava-se o vergonhoso espetáculo do nosso mundo, sentiam-se na berma dos passeios a comer a bucha de pão e a rapar o tacho, nem a luz elétrica merecem, a eles basta-lhes conhecer o caminho que vai do prato à boca, e esse até às escuras se encontra. (Saramago, 1997, p. 96)

Ricardo Reis torna-se o mote de uma articulação narrativa em que a imaginação criadora articula e harmoniza uma polifonia de inumeráveis tons e vozes:

[...] encontra uma folha de papel com verso e meio escritos [...] agora que está começando vai ser preciso acabá-lo, é como uma fatalidade. E as pessoas nem sonham que quem acaba uma coisa nunca é aquele que a começou, mesmo que ambos tenham um nome igual, que isso só é quem se mantém constante, nada mais. (Saramago, 1997, p. 51)

Essa frase, o romance, alguém a continuará sabe-se lá quando e em que lugar. Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, essa continuidade vem representada através da reflexão sobre a intertextualidade como princípio gerador da escrita romanesca. Isso evoca o pensamento de Mikhail Bakhtin acerca da construção de um discurso polifônico (Bakhtin, 1981).

O diálogo entre os textos está no cerne da escrita saramaguiana. A intertextualidade faz os textos se inter-relacionarem, reinventando motivos temáticos, imagens e situações narrativas, "pois tudo isto pode ser contado doutra maneira" (Saramago, 1999, p. 14)

Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, a ancestralidade literária portuguesa é discutida mediante a consideração das obras de Luís de Camões e de Fernando Pessoa. Esses dois poetas são evocados como sombras tutelares que tornaram impossível, por muito tempo, a veleidade de uma nova síntese na literatura portuguesa. A voz do narrador rende tributo a esses autores emblemáticos, reconhece-lhes a permanência na declaração de que todos os sendeiros literários portugueses conduzem, inevitavelmente, a Camões e a Pessoa.

O romancista português realiza uma tensa interlocução com esses dois grandes mitos da literatura portuguesa, conferindo-lhes o caráter de uma tradição

sacralizadora. Todavia, como autor inscrito no âmbito das contradições e perplexidades da modernidade, Saramago não se rende, servilmente, ao peso dessa influência e adota um caminho "ex-cêntrico", redimensionando essa tradição. Assim, uma multiplicidade de vozes irrompem na leitura romanesca, refletindo a necessidade do confronto da arte narrativa confeccionada por Saramago com as produções de Camões e Pessoa:

Vivem em nós inúmeros, se penso ou sinto, ignoro quem é que pensa ou sente, sou somente o lugar onde se pensa e sente[...] Se somente isto sou, pensa Ricardo Reis depois de ler, quem estará pensando agora o que eu penso, ou penso que estou pensando no lugar que sou de pensar, quem estará sentindo o que sinto, ou sinto que estou sentindo no lugar que sou de sentir, quem se serve de mim pra sentir e pensar, e, de quantos inúmeros que em mim vivem, eu sou qual, quem [...] (Saramago, 1997, p. 24)

A obra literária reinventa-se a cada leitura, à custa da tensão entre o esquecimento e a memória. Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, toda uma literatura parece se reunir e acabar. Ledo engano, pois a literatura é aquele ardil magnífico que, segundo Barthes, opera uma revolução permanente da linguagem (1996, p. 74). Aqui, toda uma literatura principia e espera, semelhante à caixa de Pandora, repleta de histórias, de trajetórias existenciais, de vozes sutilmente postas em interlocução por uma mágica caligrafia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1)
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo-existência e literatura*. Lisboa: Presença, 1994.
- _____. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. História e ficção. *JL - Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, ano 10, n. 400, p. 17-20, mar. 1990.

_____. *Levantado do chão*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SEIXO, Maria Alzira. Ficção. *Cóloquio-Letras*, Lisboa, n. 78, p. 30-42, 1984.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.